

CULTURA E A RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO NAS AMAZÔNIAS: uma discussão teórica-reflexiva na formação *stricto sensu*

Aline do Socorro de Souza Rodrigues
Lucinete Gadelha da Costa

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de discutir sobre Cultura, refletindo sua relação com a Educação nas Amazôniaas. Estudo fundamentado por teóricos estudados na disciplina do Mestrado em Educação denominada Educação, Culturas e Sociodiversidade do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Metodologicamente, tem natureza qualitativa, caráter bibliográfico, baseado em autores da área da Antropologia e Educação como Laraia (2001); Silva e Brandim (2008); Geertz (2008); Candau (2012); Cuche (2012) e; Loureiro (2015). Discutimos: Cultura num diálogo com a Antropologia, Cultura Amazônica forjada pela relação homem-natureza e, a formação de professores como conhecimento e reconhecimento das Culturas para a Educação nas Amazôniaas, pois precisamos de práticas que articulem os saberes científicos e os tradicionais, fortalecendo o respeito entre os sujeitos de culturais e na compreensão das Culturas nos espaços de cultura formais e não-formais. Ressaltando a importância de programas de formação de professores que em seus currículos protagonizam as Culturas Amazônicas numa perspectiva teórica, reflexiva e prática.

Palavras-chave: cultura; culturas amazônicas; educação nas amazônias; formação de professores.

CULTURE AND THE RELATIONSHIP WITH EDUCATION IN THE AMAZONS:

a theoretical-reflexive discussion in *stricto sensu* training

Abstract

This article aims to discuss Culture, reflecting its relationship with Education in the Amazon. Study based on theorists studied in the discipline of the Masters in Education called Education, Cultures and Sociodiversity of the Graduate Program in Education - PPGED, of the University of the State of Amazonas - UEA. Methodologically, it has a qualitative nature, bibliographic character, based on authors in the field of Anthropology and Education such as Laraia (2001); Silva and Brandim (2008); Geertz (2008); Candau (2012); Cuche (2012) and; Loureiro (2015). We discussed: Culture in a dialogue with Anthropology, Amazonian Culture forged by the man-nature relationship, and teacher training as knowledge and recognition of Cultures for Education in the Amazon, as we need practices that articulate scientific and traditional knowledge, strengthening the respect between cultural subjects and in the understanding of Cultures in formal and non-formal cultural spaces. Emphasizing the importance of teacher training programs that in their curricula feature Amazonian Cultures in a theoretical, reflective and practical perspective.

Keywords: culture; Amazonian cultures; education in the amazons; teacher training

LA CULTURA Y LA RELACIÓN CON LA EDUCACIÓN EN LA AMAZONIA:

una discusión teórico-reflexiva en la formación stricto sensu

Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir la Cultura, reflejando su relación con la Educación en la Amazonía. Estudio basado en teóricos cursados en la disciplina de la Maestría en Educación denominada Educación, Culturas y Sociodiversidad del Programa de Posgrado en Educación - PPGED, de la Universidad del Estado de Amazonas - UEA. Metodológicamente tiene un carácter cualitativo, de carácter bibliográfico, apoyándose en autores del campo de la Antropología y la Educación como Laraia (2001); Silva y Brandim (2008); Geertz (2008); Candaú (2012); Cuche (2012) y; Lorenzo (2015). Discutimos: La Cultura en diálogo con la Antropología, la Cultura Amazónica forjada por la relación hombre-naturaleza, y la formación docente como saber y reconocimiento de las Culturas para la Educación en la Amazonía, pues necesitamos prácticas que articulen saberes científicos y tradicionales, fortaleciendo el respeto entre sujetos culturales y en la comprensión de las Culturas en los espacios culturales formales y no formales. Enfatizando la importancia de programas de formación docente que en sus currículos integren las Culturas Amazónicas en una perspectiva teórica, reflexiva y práctica.

Palabras clave: cultura; culturas amazónicas; educación en la amazonia; formación de profesores.

INTRODUÇÃO

O presente artigo parte das leituras e discussões proporcionadas pela disciplina Educação, Culturas e Sociodiversidade do Mestrado em Educação - PPGED/UEA. Num espaço de formação de professores, a disciplina se desenvolveu numa perspectiva dialógica e crítica frente ao pensamento de vários teóricos, expandindo nossas ideias acerca do homem, da sociedade, das culturas e da educação. Assuntos focos de pesquisas nas áreas humanas e sociais e, necessários no processo de formação docente.

A discussão teórica-epistemológica é ampla, mas aqui objetivamos discutir sobre Cultura, refletindo sua relação com a Educação nas Amazônias, num diálogo com antropologia e a educação. Elementos discursivos para nossa dissertação a qual abordamos a Formação de Professores na perspectiva da Educação do Campo. Compreendendo, portanto, que este estudo é um caminho que nos aproxima de questões emergentes ao objeto de pesquisa.

Artigo de natureza qualitativa, com características da pesquisa bibliográfica. Proporcionando o aprimoramento e/ou atualizações do conhecimento, por meio de uma investigação científica de obras anteriormente publicadas que são referências para o tema que aqui abordamos.

Deste modo, além da introdução e considerações finais estruturamos o texto da seguinte forma: Cultura numa perspectiva antropológica, abordando, inclusive, como devemos fazer a interpretação de Culturas que não seja a nossa; Cultura Amazônica: forjada

pela relação homem-natureza e; Formação de professores: conhecimento e reconhecimento das Culturas para a Educação nas Amazôniaas.

CULTURA: NUMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA

A princípio dialogamos com o pensamento de Roque de Barros Laraia, destacando pontos da obra *Cultura, um conceito antropológico*, publicado em meados do século passado, com uma proposta didática para introduzir o tema Cultura.

Segundo este teórico, a primeira definição do conceito de Cultura foi elaborada por Tylor (final do século XIX), num momento histórico em que a Europa foi impactada pela *Origem das espécies (Charles Darwin)*. De acordo com Laraia (2001), por volta de 1871 este antropólogo definiu Cultura como todo o comportamento aprendido, que independe de transmissão genética. Com as leituras e discussões, compreendemos que Tylor formalizou o conceito de Cultura diante de uma ideia vista como consistente e influenciado pelo pensamento dos iluministas.

Atualmente há certo consenso na Antropologia frente à ampliação e a clarificação do conceito de Cultura, pois, a partir da primeira metade do século XX, avançaram as discussões diante das inúmeras definições formuladas posteriormente a Tylor que ampliaram as limitações do conceito. Para o campo antropológico diminuir esta amplitude, significa transformar o conceito de Cultura num instrumento mais especializado teoricamente (LARAIA, 2001).

A preocupação de Tylor consistia em demonstrar que a Cultura pode ser objeto de um estudo sistemático, por ser um fenômeno natural que apresenta causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise, formulando leis sobre o processo cultural e evolução (LARAIA, 2001). Além disso, Tylor demonstrava uma preocupação com a diversidade cultural, onde na sua percepção, se constitui resultante da desigualdade existente no processo de evolução.

Nessa conjuntura dos estudos de Cultura, Roque Laraia nos convida a refletir diante de duas questões, tais como a referência que existe ao determinismo biológico e ao geográfico. Determinismos estes, que trataremos a seguir:

O determinismo biológico, traz uma crítica aos estereótipos culturais como, por exemplo: “[...] os alemães têm mais habilidades para mecânica [...]; que os norte-americanos são empreendedores e interesseiros; [...] que os brasileiros herdaram a preguiça dos negros, a imprevidência dos índios e a luxúria dos portugueses [...]” (LARAIA, 2001, p. 17). Ou seja, tais ideias preconcebidas que fortalecem o discurso de que uns terão Cultura, outros não ou que uns são/mais inteligentes do que outros.

Ou ainda, se uma criança Saterê fosse retirada do seu território e passasse a ser criada por uma família de classe alta do Sul do país, o mesmo aconteceria, ou seja, ela teria as mesmas oportunidades de desenvolvimento que os demais à sua volta. Descartando com isso, o fator biológico como determinante de Cultura.

São estereótipos gerados de conclusões aligeiradas de pesquisadores do século XIX, defensores da ideia de que só haveria civilização e Cultura acima da linha do Equador, sendo

o fator hereditário influenciador. Em contrapartida, percebemos um número expressivo de antropólogos convencidos de que as diferenças genéticas não determinam as diversidades culturais.

Outro ponto do determinismo biológico diz respeito às diferenças anatômicas e fisiológicas. Segundo Laraia (2001), não é verdade que as diferenças de comportamento entre pessoas de sexos diferentes sejam determinadas biologicamente. Pois, a Antropologia destaca que muitas atividades atribuídas às mulheres de uma cultura podem ser feitas por homens com outra cultura. Divisão de trabalho e de comportamento de efeito cultural e não de razão biológica.

Na perspectiva do determinismo geográfico, é considerado que as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural (LARAIA, 2001), ideia esta que nasceu na Antiguidade. Mas, por volta de 1920, antropólogos como Boas, Wissler, Kroeber e outros, se posicionaram contrários a essa linha de pensamento demonstrando com suas pesquisas a existência de limite na influência geográfica sobre os fatores culturais, sendo comum existir diversidade cultural num mesmo ambiente.

De acordo com a Antropologia contemporânea a Cultura age seletivamente sobre o meio ambiente, no uso de possibilidades e limites, onde decisões partem da Cultura e sua história. Além disso, o que diferencia os homens não podem ser explicadas pelo lado biológico, nem pelo seu meio ambiente, tendo o ser humano a capacidade de superar seus limites (LARAIA, 2001).

Devemos ultrapassar estes determinismos, embora façam parte do processo da Cultura, não determinam tudo. Deve haver o respeito, tendo cuidado de não transformar isto numa ideia fim. Havendo, sobretudo, diálogo entre as Culturas, pois quando dialogam com se comunicam e se alteram.

Outro teórico contemplado nos círculos de debate da disciplina foi Clifford Geertz com a obra *A Interpretação das Culturas* (1973). Antropólogo contemporâneo conhecido pela criação de uma *Antropologia Interpretativa*, com o propósito de entender o fenômeno cultural numa descrição densa. A obra é composta por ensaios com relação direta ao conceito de Cultura, não sendo apenas uma revisão do seu trabalho antropológico.

Segundo Geertz (2008), para compreendermos uma Cultura e como os indivíduos se relacionam com ela, não podemos ficar imersos a ideias como funções (Funcionalismo de Malinowski) e nem de estruturas (como a ideia da Antropologia estrutural de Lévi-Strauss). É preciso um deslocamento destes aspectos estruturais partindo para a ação social do indivíduo, nos aproximando do significado dado à sua existência no mundo.

Esta ideia foi inspirada na sociologia compreensiva de Max Weber, onde os indivíduos atribuem sentido às suas ações, considerando as pessoas a sua volta, sendo a sociedade a rede das teias de significados, tecidos por eles também (GEERTZ, 2008). Neste sentido, para entendimento de uma Cultura, devemos buscar seus significados nos contextos de interação, pois a partir dos pequenos detalhes que surgem conseguimos explicar seu funcionamento de forma mais ampla.

Aqui, o conceito de Cultura defendido é semiótico, assim como acreditava Max Weber. A tarefa é ler e interpretar o que é semiótica - uma teoria geral da interpretação, pois

quando apresenta um conceito de Cultura dessa natureza tenta vê-lo como um texto a ser interpretado com seus conteúdos simbólicos (GEERTZ, 2008).

Geertz tece críticas ao Clyde Kluckhohn, antropólogo e teórico social, mais conhecido por seu longo trabalho etnográfico entre os Navajo e suas contribuições para o desenvolvimento da teoria da Cultura. A crítica é por ter feito mais de dez (10) conceituações de Cultura, as quais destacamos:

[...] (1) "o modo de vida global de um povo"; (2) "o legado social que o indivíduo adquire do seu grupo"; (3) "uma forma de pensar, sentir e acreditar"; (4) "uma abstração do comportamento"; (5) "uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comporta realmente"; (6) "um celeiro de aprendizagem em comum"; (7) "um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes"; (8) "comportamento aprendido"; (9) "um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento"; (10) "um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens"; (11) "um precipitado da história" [...] (GEERTZ, 2008, p. 4).

Neste sentido, estamos diante de uma difusão teórica, um conceito comprimido. Em linhas gerais, um certo ecletismo com muitas direções, tendo a necessidade, portanto, de fazer uma escolha, por isso Clyde Kluckhohn recebeu tantas críticas de Geertz, pois causa muita confusão em termos de conceito.

Para que possamos perceber melhor sobre a descrição densa de uma Cultura, Geertz lança o *ensaio da piscadela* de Ryle (filósofo), Onde resumidamente, pede que imagine duas pessoas – uma que contraiu a pálpebra, num gesto involuntário e; a outra que deu uma piscadela, não como um gesto involuntário, mas sim como um código social. Assim, o gesto é o mesmo, porém, uma contraiu a pálpebra e a outra além de contrair a pálpebra também piscou, uma ação de significados simbólicos.

Agora, imaginem uma terceira pessoa que ver a primeira piscar e a imita. Aí a piscadela deixa de ter o conteúdo anterior de conspiração e passa a ter o significado de mímica, imitação. Agora, vamos imaginar que esta pessoa que está fazendo a mímica não tenha muita segurança do que está fazendo e ela pratica em casa na frente do espelho a piscadela para conseguir fazer. O que está fazendo? Ela está fazendo a mesma coisa que os outros, ou seja, contraindo a pálpebra, mas neste caso, está ensaiando. Com isto, o significado se difere (GEERTZ, 2008).

Diante disto, buscamos interpretar essas ações, mas quando pensamos a Antropologia como ciência interpretativa, sem pretensão de uma outra área das ciências sociais que explica os fenômenos sociais e culturais (GEERTZ, 2008). E, importante, a interpretação é diferente, nunca será realizada da mesma forma, pois temos percepções que se diferem, uma leitura do conteúdo simbólico de uma realidade sociocultural além da nossa.

A descrição densa se constitui, portanto, como fio condutor do trabalho antropológico, levando tanto à pesquisa de campo quanto a interpretações teóricas e

possibilitando todo o trabalho de análise do pesquisador. A análise cultural é complexa e sempre incompleta, e vai ao encontro das singularidades e particularidades da vida social, compreendendo aquilo que muitas vezes não somos capazes de compreender no interior da nossa Cultura.

Assim como a Antropologia, a Educação tem esta perspectiva, confrontar outras realidades com as nossas, alargando a compreensão sobre as diferenças e diversidades culturais. Desde que cientes das ideias aqui explanadas, para debatê-las, mas mesmo assim, compreender seu objeto de estudo tendo a descrição densa como caminho.

Refletimos acerca do pensamento de teóricos e suas obras que nos oportunizam conhecer olhares e conceitos antropológicos diferentes sobre Cultura. Mas, precisamos trazer a Cultura Amazônica para o debate, na intenção de evitar uma concepção limitada ou homogênea. Assim, partimos de uma discussão ampla para então chegarmos à particular, numa relação com a educação.

CULTURAS AMAZÔNICAS: FORJADA PELA RELAÇÃO HOMEM-NATUREZA

O livro *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário* é do autor João de Jesus Paes Loureiro, escritor, poeta, que atuou como professor na Universidade Federal do Pará (UFPA). Livro fruto da sua tese de doutorado na Universidade de Paris V (Sorbonne/França). Com reflexões geradas das lendas e dos mitos representados nas narrativas de encantados emergindo o conceito de uma Cultura Amazônica forjada na poética de um imaginário diverso.

Loureiro (2015), com a propositura da existência de Cultura Amazônica cabocla lastreada em fatos vividos e imaginados, promove noções acerca do patrimônio simbólico dos moradores das comunidades tradicionais da Amazônia, para lhe atribuir importância e valor quanto aos reconhecidos nas cosmogonias, teogonias e epifanias das civilizações ocidentais colonizadoras. Procurando conhecer o mundo através da Cultura Amazônica, ou seja, partindo do conhecimento local.

Frisamos que, desde a era Clássica a Cultura é considerada como algo que relaciona diferentes ângulos de uma totalidade voltada para a criação e preservação de bens materiais e imateriais, passando pelo cultivar, pelo habitat e pelo cuidar. E o homem, por meio dessas formas de relação, dá sentido às coisas.

Além do mais, as criações das Culturas são próprias da produção social. Os modos de expressão de uma realidade demonstram a complexidade da existência humana, onde as diferentes formas de vida são colocadas em prática, dentro da reciprocidade dinâmica das relações constituintes da dimensão sociocultural.

Segundo Loureiro (2015), no que tange a Cultura brasileira, somos um povo de Cultura própria, competentes de extração portuguesa que se fundem nos caracteres indígenas e negros. Num país que apresenta extensas regiões geográficas, com distintos traços de Culturas provocados pela extensão e isolamento de algumas regiões, dado ao processo desigual de desenvolvimento e/ou pelas contribuições étnico-culturais que marcaram regiões, a exemplo, o Amazonas e o Nordeste.

Em relação às Amazônias (muitas Amazônias na Amazônia), temos dois espaços tradicionais de Cultura com características singulares e diversas que se articulam pelo movimento próprio. Espaços da cultura urbana e rural, expressadas seguinte forma:

[...] A cultura urbana se expressa na vida das cidades, principalmente naquelas de porte médio e nas capitais dos Estados da região. Nas cidades as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas [...]. No ambiente rural, especialmente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada [...] (LOUREIRO, 2015, p. 77).

Na Cultura urbana, as mudanças no tempo e espaço são mais dinâmicas e, há o dinamismo das escolas, universidades, institutos e dos meios de comunicação que interferem na Cultura. Todavia, pela intensidade das trocas culturais, misturas de culturas, a relação identitária, de pertencimento com a Cultura Amazônica fica cada vez mais implicada.

Destacamos que nas Amazônias possuem riquezas culturais expressadas nas lendas, danças, modos de viver, histórias do povo, na relação homem-natureza que compõem o imaginário das populações rurais/ribeirinhas. Porém, a Cultura urbana trata por marginalizá-la, consequência de um processo histórico de submissão de valores culturais.

Estes últimos são territórios de tensões próprias, com grupos dispersos geograficamente que se encontram numa ideia vaga de infinitude, propiciada pelo livre imaginário. Sobrevive aqui, uma consciência pela qual o homem se realiza como autor de um mundo em que o imaginário estético e poético se revela como forma de celebrar a vida, ou seja, cultura forjada por seus sujeitos numa relação de pertencimento (LOUREIRO, 2015).

Este imaginário assume papel no sistema de produção cultural amazônico, dando contribuições para a literatura brasileira, por meio de produtos nascidos dele. Acerca disso, Loureiro (2015, p. 86-87) sustenta que “a Amazônia vem oferecendo à cultura em geral e aos grandes movimentos artísticos brasileiros, em maior quantidade, temas resultantes do seu imaginário social [...]” porém, o mesmo não ocorre por parte das outras regiões brasileira, sendo as Amazônias referência quando aborda Culturas com esse viés imaginário afirmado por seus povos.

Região brasileira esta, com traços culturais marcados por suas peculiaridades, com suas memórias, com componentes indígenas, mesclados a caracteres negros e europeus em que o agente principal é o caboclo, tipo étnico resultante da miscigenação do índio com o branco (LOUREIRO, 2015), onde a força cultural origina da relação homem-natureza e dos homens entre si.

Esta abordagem da Cultura Amazônica por Loureiro, que enaltece as particularidades e diversidades dos povos que aqui vivem, com seus saberes e vivências, apontam caminhos para problematizarmos e construirmos conhecimentos diante deste território que esbarra na imposição de uma Cultura constituída por outros povos. Considerando, portanto, que as

Culturas têm diferentes olhares, na Cultura Amazônica o mesmo acontece, existindo uma difusão que se faz pelas trocas culturais decorrentes das diferentes Culturas.

Neste território complexo das Amazônias, há um universo de Cultura que indicam possibilidades de análise e interpretação, o que nos leva a assumir o termo Culturas (no plural). É o mundo de pescadores, agricultores familiares, seringueiros, indígenas, quilombolas, extrativistas, camponeses, madeireiros, produtores rurais e outros. De uma geografia caracterizada pela solidão e dispersão entre as casas nas comunidades e as cidades. E, de uma educação que muitas vezes não dialoga com os saberes do cotidiano dos sujeitos, em virtude de um sistema de ensino com currículo imposto ou pelos cursos de formação de professores que pouco trazem essa discussão para o contexto da educação e cultura nas Amazônias.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONHECIMENTO E RECONHECIMENTO DAS CULTURAS PARA A EDUCAÇÃO NAS AMAZÔNIAS

As Culturas das Amazônias precisam ser elementos teórico-reflexivo no âmbito da formação inicial e continuada de professores, a fim de revelarem práticas pedagógicas contextualizadas para a educação nos territórios constituídos pelos povos do campo, águas e florestas. Pois, ao olharmos para a história da educação nestes territórios nos deparamos com práticas que discutiam Culturas apenas na perspectiva de outras regiões ou países, provocando a contestação de programas de formação de professores e a organização de movimentos sociais e educacionais na intenção que isto mude.

Nos cenários públicos, frente aos movimentos sociais, os diferentes grupos socioculturais ganham cada vez mais visibilidade, com tensões, conflitos, tentativas de diálogo e negociações. Neste contexto, as questões abordadas são múltiplas, denunciando injustiças, desigualdades e discriminações, reivindicando igualdade de acesso a bens e serviços e reconhecimento político e cultural (CANDAUI, 2012).

Na área da educação também apontam inquietações, confrontando visões e práticas arraigadas no cotidiano escolar. Visto que, as culturas na escola, construídas a partir da matriz político-social e epistemológica da modernidade, priorizam a homogeneidade, negando as diferenças e diversidades culturais, vistas como problemas. Estas, são intrínsecas às práticas educativas, sendo indispensável, porque pode potencializar o ensino aprendizagem. No entanto, estudos revelam que as ações nas escolas e universidades ainda são tímidas com vistas a uma educação multicultural capaz de ensinar e, sobretudo, aprender a lidar com práticas de caráter discriminatório (SILVA; BRANDIM, 2008).

Nas várias áreas do saber humano, principalmente, nos cursos de formação de professores, há uma inquietação latente em relação ao aprofundamento das concepções de Cultura, Educação, Amazônia (s), principalmente, dos processos educativos e dos múltiplos contextos culturais, com problematizações e fundamentações para o trabalho docente. Nesta linha de pensamento, Silva e Brandim (2008) enfatizam que a escola e os professores são convidados a repensarem o seu papel diante das transformações em curso, o que demanda novos saberes, competências, outras maneiras de pensar e agir diante das questões que englobam Culturas.

As diferenças e diversidades culturais são concebidas como realidades sócio-históricas, num movimento de construção-desconstrução-construção, atravessadas por relações de poder. Se mostram nos valores, símbolos, regras, vestimentas, hábitos, costumes, etnias e etc. Para Candau (2012), devem portanto, ser reconhecidas no que têm de marcas de identidade, combatendo as tendências a transformá-las em desigualdades, assim como a de tornar os sujeitos, objeto de preconceito e discriminação, no referente aos sujeitos de cultura do campo, águas e floretas, daí ressaltamos a importância do papel da educação frente a esta problemática.

Nesta direção, os cursos de formação de professores e os professores que já estão em sala de aula, por exemplo, ao desenvolverem práticas pedagógicas em espaços formais e não-formais, oportunizam que os estudantes construam a visão de que não existe Cultura superior. Buscando principalmente, respeito, valorização, reconhecimento, acolhimento de identidades plurais, como mecanismos de superação do preconceito e do silenciamento, considerando que todos somos sujeitos culturais (SILVA; BRANDIM, 2008).

Ao romperem os muros e paredes das instituições de ensino, nos deparamos com a cultura dos pescadores, dos cultivadores de mel e plantas medicinais, dos puxadores de ossos, da partida de futebol no campo improvisado na comunidade, das conversas ao redor da mesa. Enfim, inúmeras possibilidades para articular culturas populares aos conteúdos curriculares, onde os estudantes se enxerguem protagonistas deste processo, com suas práticas sociais, culturais e educativas. À luz do pensamento de Cuche (2012), a Cultura se constrói na convivência de hábitos, de costumes, de valores tradicionais, de crenças ou lendas contadas oralmente, processadas no seio familiar e no contato com outros grupos.

Já nas práticas em espaços formais, podem ser desenvolvidas na escola/universidade (explorando espaço além da sala de aula), igreja, posto de saúde, na associação dos comunitários, entre outros. Espaços estes, que trazem bagagem cultural a ser explorada numa proposta interdisciplinar. Todavia, trabalhando para não fortalecer o pensamento que para ser uma pessoa culta tem que frequentar a escola ou universidade por longos anos, ou ser especialista em determinado assunto, como os religiosos (CUCHE, 2012).

Este tempo universidade/escola e comunidade é oportuno para o conhecimento, sobretudo, o reconhecimento das Culturas do nosso contexto, na perspectiva de uma educação que dialogue com os saberes tradicionais produzidos nas comunidades e seus sujeitos culturais. Fortalecendo com isto, o sentimento de pertencimento, que o sistema insiste em mantê-lo na invisibilidade pela lógica urbanocêntrica forte na educação nas Amazônias.

Então, os programas de formação de professores se tornam importantes na medida que privilegiam em seu currículo questões aqui elencadas, fugindo da padronização. Com proposta teórica-reflexiva ancorada aos pensamentos globais, mas que principalmente, discutam as temáticas Culturas e Educação na direção do contexto rural/ribeirinho. Mas, possibilitando também, contato e experiências nas comunidades e escolas, ainda no processo de formação, a fim de aprofundar o olhar sobre as Culturas e como está relacionada com a Educação, numa articulação entre teoria e prática, atendendo a uma necessidade das Amazônias e não do mercado de trabalho.

PERSPECTIVA METODOLÓGICA

Do ponto de vista metodológico, o artigo tem natureza qualitativa, pois considera e permite conhecermos e refletirmos sobre cultura (s) e educação, partindo de uma discussão ampla para então chegarmos às discussões próprias das Amazônias. Neste tipo de estudo, sistematizamos para compreendermos os fenômenos educativos e sociais, transformação de práticas e cenários socioculturais e, a descoberta e desenvolvimento de conhecimentos (SANDIN, 2010).

Sua escrita é de caráter bibliográfico, com leituras e fichamentos das obras citadas para construção deste texto e para discussão no decorrer da disciplina do mestrado em educação. Para Lakatos (2007), isto proporciona o aprimoramento e/ou atualização do conhecimento, por meio de uma investigação científica de obras anteriormente publicadas.

O caminho da pesquisa científica tem seus primeiros passos na pesquisa bibliográfica. Ou seja, é a base, vista como obrigatória para leitura e sistematização das principais ideias do material encontrado e assim avançar para escrita e reflexão.

Desta forma, como embasamento teórico ancoramos nos pensamentos de: Laraia (2001); Silva e Brandim (2008); Geertz (2008); Candau (2012); Cuche (2012) e; Loureiro (2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando, sem concluir, ao longo do artigo trouxemos inúmeras questões que abarcam Culturas e Educação. Dialogando com teóricos que estudamos na disciplina do mestrado e que nos possibilitaram compreensões e reflexões, provocando mais inquietações à medida que as discussões coletivas eram realizadas.

Iniciamos com o olhar antropológico, elucidando o conceito de cultura no pensamento dos teóricos que dialogamos e abordando como devemos fazer a interpretação de uma cultura que não é a nossa, evitando situações preconceituosas que esbarram numa limitação diante do fenômeno cultural. Estudamos antropólogos considerando a sociodiversidade, por isso é importante termos essas entradas, esses aportes teóricos para fundamentar ideias na área da educação.

Feito isto, aproximamos a discussão para as Amazônias, porque precisamos de estudos que se debrucem e olhem, não de forma isolada, as nossas particularidades, diversidades, nossos povos tradicionais, nossos aspectos culturais numa perspectiva científica. Pois, historicamente as culturas e a educação nos territórios rurais/ribeirinhos foram desprivilegiadas, tratadas como inferior, não sendo campo para as ciências humanas e sociais.

Neste sentido, abordamos sobre a formação de professores como conhecimento e reconhecimento das Culturas para a Educação nas Amazônias, pois precisamos de práticas que articulem os saberes científicos e os tradicionais, fortalecendo o respeito entre os sujeitos culturais e na compreensão das Culturas nos espaços de cultura formais e não-formais. Ressaltando a importância de programas de formação de professores que em seus currículos protagonizam as Culturas Amazônicas para discussão teórica, reflexiva e prática.

Diante do exposto, tecemos reflexões através dos diálogos estabelecidos com teóricos que fundamentam este artigo, considerando que o assunto não se esgota aqui (nem deve), pois a dimensão cultural, intrínseca aos processos pedagógicos pode potencializar processos de ensino aprendizagem significativos havendo reconhecimento e valorização dos sujeitos envolvidos. Tudo isto, indo de encontro ao silenciamento, inferiorização de determinados contextos socioculturais, possibilitando a construção de identidades culturais, valorização do outro e o diálogo entre as culturas e outros aspectos que estes estudos nos revelam.

REFERÊNCIAS

- CANDAU, Vera Maria. **Didática crítica intercultural: aproximações**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura em Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2012.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13ª reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 3-39. Título original: *The interpretation of cultures*.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. Ed. – 5. reimp. São Paulo: Atlas 2007.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. 5ª ed. Manaus: Valer, 2015.
- SANDÍN, Esteban María Paz. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**; tradução Miguel Cabrera – Porto Alegre: AMGH, 2010.
- SILVA, Maria José Albuquerque da; BRANDIM, Maria Rejane Lima. **Multiculturalismo e Educação: em defesa da diversidade cultural**. Diversa Ano 1, no 1, pp. 56-66, jan/jun 2008.

Informações do (a) (s) autor(a) (es)

Aline do Socorro de Souza Rodrigues
Universidade do Estado do Amazonas - UEA
E-mail: adsdsr.edc21@uea.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0866-3218>
Link Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7485578113500947>

Lucinete Gadelha da Costa
Universidade do Estado do Amazonas - UEA
E-mail: lcosta@uea.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2433-123X>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0865054663877935>